

ARTIGO DÔSSIE

NOTÍCIAS DO OUTUBRO VERMELHO: A REVOLUÇÃO RUSSA NAS PÁGINAS DO JORNAL *O ESTADO DE S. PAULO*

NEWS FROM THE RED OCTOBER: THE RUSSIAN REVOLUTION IN THE PAGES OF THE NEWSPAPER *O ESTADO DE SÃO PAULO*

LUIZ ANTONIO DIAS E RAFAEL LOPES DE SOUSA*

RESUMO

Nesse trabalho analisamos a cobertura feita pelo jornal paulistano “O Estado de S. Paulo” à Revolução Russa de outubro de 1917. Para tanto, recolhemos todas as matérias que fizeram referência ao processo de forma mais específica ou à Rússia de forma mais geral, no mês de novembro de 1917. Promovemos uma discussão da imprensa como fonte histórica e mostramos os limites da imprensa brasileira, ainda bastante dependente das agências de notícias internacionais. Nosso objetivo foi mostrar que, para além do anticomunismo que marcou a história desse periódico, houve também uma grande dose de desinformação ou informações adulteradas na cobertura do evento.

PALAVRAS CHAVE: Revolução Russa, Imprensa, O Estado de S. Paulo.

ABSTRACT

In this article we analyze the coverage made by São Paulo newspaper "O Estado de S. Paulo" about the Russian Revolution of October 1917. To do so, we've collected all published articles that made reference to the process in detail, or to Russia more generally, on November of 1917. We promote a discussion of the press as a historical source and shown the limits of the Brazilian press, still very dependent on the international press agencies. Our goal was also show that in addition to the anticommunism

that marked this newspaper story, it is also a great deal of misinformation or adulterated information in the coverage of the event.

KEYWORDS: Russian Revolution, Press, O Estado de S. Paulo.

Esse artigo tem por finalidade verificar como o jornal paulistano *O Estado de S. Paulo* noticiou os acontecimentos da Revolução Russa de outubro de 1917. Nossa hipótese é a de que o jornal não contava ainda com uma estrutura de trabalho consolidada e autônoma para formar opinião e analisar com isenção as informações que chegavam da Rússia, principalmente por depender quase que exclusivamente das notícias recebidas das agências internacionais. Muito embora esse artigo tenha a temática da Revolução Russa como eixo central, é importante ressaltar que sua narrativa não elegeu como prioridade de análise as idiossincrasias desse acontecimento. Seu fulcro prioritário está, pois, voltado em compreender como o jornal *O Estado de S. Paulo* retratou as propostas e impactos dessa revolução para a sociedade brasileira.

O principal material utilizado em nossas análises foi o próprio repositório do jornal e seus mecanismos de busca. Essa opção metodológica facilitou o recorte de nossa pesquisa e ajudou a inventariar as menções que foram feitas, dentro do periódico, sobre a Revolução Russa no ano de 1917. Assim, em um levantamento preliminar, encontramos quinze referências à Revolução Russa, sendo que uma delas fazia alusão direta à Revolução de Fevereiro, mas curiosamente, tratava-a como um acontecimento totalmente dissociado dos propósitos prioritários defendidos pela Revolução Russa.

Dessa primeira análise depreende-se que o processo em marcha na Rússia ainda não era denominado na imprensa do Ocidente como Revolução. Foi, aliás, essa constatação que nos incentivou a buscar um novo registro de busca que pudesse ampliar o nosso leque de compreensão para o referido acontecimento. Nessa nova investida usamos como filtro de busca o termo “Rússia” e logo nas primeiras tentativas esse se mostrou mais objetivo no levantamento das informações que pautavam as transformações em curso naquele país. O auxílio desse novo filtro de busca facilitou nosso trabalho. Assim, em novembro de 1917, encontramos mais de sessenta referências diretas ao acontecimento, muitas em uma mesma edição e outras referências dispersas que não dialogavam com o processo revolucionário em curso.

De posse desse material, priorizamos inicialmente uma rigorosa catalogação de todas as manifestações que faziam referência ao evento, pois somente assim teríamos mais subsídios para analisar todas as menções feitas aos acontecimentos que, a partir de 06/11/1917¹ sinalizavam para uma nova estruturação política da Rússia, a essa altura diretamente influenciada pela participação e posterior saída da Grande Guerra.

Em 1917 a maioria dos jornais brasileiros tinha os esforços de suas redações voltados para entender os desdobramentos finais da Grande Guerra, sobretudo para o continente europeu. Essa foi também uma prioridade para o jornal *O Estado de S. Paulo*, que dedicou boa parte da sua estrutura jornalística para noticiar os acontecimentos vinculados a esse tema. Por exemplo, a maior parte das matérias de capa analisadas até o

mês de novembro de 1917 trata da situação de instabilidade política vivida pelos países europeus e vincula essa instabilidade com as incertezas deixadas para o Velho Continente após o desfecho da Primeira Guerra Mundial.

Lembramos uma vez mais que as notícias relacionadas a outros países em sua maioria eram obtidas pelo jornal em agências internacionais. Estavam, portanto, sujeitas às interferências e à visão de mundo desses monopólios da produção de notícias. Daí a necessidade de discutir, ainda que brevemente, esse “fazer” do jornalismo internacional nesse período, pois somente assim conseguiremos entender os jogos de interesses que as empresas jornalísticas nacionais desenvolveram para replicar no Brasil a visão eurocêntrica de noticiar e informar a população. Em busca da genealogia e da ascendência que as publicações internacionais exerciam sobre o jornalismo brasileiro, Sodré oferece pistas de como tudo começou. “Na edição de 1º de agosto de 1877, o *Jornal do Comércio*, publicava os primeiros telegramas por ela (agência *Havas*) distribuídos (...). A agência *Reuter-Havas* serviu 71 anos à imprensa brasileira; ao final da segunda Guerra Mundial passou a chamar-se *France-Press*”.²

A relação de dependência da imprensa brasileira com as agências internacionais é, pois, antiga e atende a um jogo de interesses dos grupos controladores da mídia local que, a fim de ter a exclusividade das inovações tecnológicas, aceitou incorporar e divulgar integralmente as pautas elaboradas no centro do capitalismo. Com a entrada dos Estados Unidos na Grande Guerra essa situação foi gradativamente sendo alterada

com o controle das informações sobre guerra sendo controlado pelos estadunidenses.

Assim, de 1917 em diante, as notícias da Grande Guerra que chegavam ao Brasil tinham por finalidade transmitir a visão da Tríplice Entente sobre a guerra, a fim de formar um contencioso de opinião favorável aos interesses dos países por ela representados. As notícias sobre o processo revolucionário na Rússia atendiam também a essa mesma lógica de comunicação, ou seja, os relatos eram produzidos por correspondentes em Petrogrado e de lá enviados a Paris, Londres e Nova Iorque. Todo o material coletado era selecionado e depois distribuído para as agências de notícias desses países, que se encarregavam de repassar para os outros países.

A esse respeito Bandeira faz a seguinte observação: “O Brasil acompanhou a queda do tsar e a deposição de Kerenski com a retina da Havas, United Press e outras agências internacionais. A imagem da revolução russa, que projetavam, era a imagem que as altas finanças de Nova York, Londres e Paris dela faziam.”³

Outro pesquisador interessado em compreender a proveniência das relações da imprensa nacional com as agências internacionais é Matías Molina⁴. De acordo com suas análises, no final do século XIX (1890), o jornal *O Estado de S. Paulo* contratou a agência francesa *Havas* e inaugurou um canal de colaboração midiática com a imprensa internacional. Na celebração desse contrato restou estabelecido que todas as notícias diretamente relacionadas à *Havas* deveriam vir antecedidas com identificação de sua origem. No início do século XX, o eixo das

informações globais é deslocado da Europa para os Estados Unidos da América. Nesse novo centro de produção das notícias a agência *United Press Association* (UP), destaca-se como a principal distribuidora de notícias do mundo. Na América do Sul, *O Estado de S. Paulo*, figura entre seus clientes. As reclamações sobre a forma tendenciosa da *Havas* não tardam, todavia a aparecer.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a França foi o único país beligerante europeu que proibiu a publicação de comunicados do inimigo, embora fossem vendidos nos bulevares de Paris jornais suíços com os comunicados alemães e austríacos. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, em 1917, as agências norte-americanas de notícias deixaram de enviar a seus clientes os comunicados da Alemanha e da Áustria.⁵

O próprio Júlio de Mesquita criticou, por diversas vezes, as informações, ou falta de informações, passadas pela *Havas*. Em dezembro de 1917, o jornalista tornava público o seu descontentamento e sinalizava o desejo de produzir um jornalismo com tintas tropicais:

Pouco importa o juízo da Havas a nosso respeito, porque ela, decaindo como está da sua antiga influência, não dá nem tira valor dos povos que explora e não conhece (...). Além disso, a concorrência está estabelecida. A *United Press* informa pelas colunas do *Imparcial* e, nas nossas próprias colunas, a *Americana*, a modesta agência brasileira, com seus fracos recursos, não raro acende luzes na treva em que a Havas nos deixaria se apenas por ela nos tivéssemos de guiar.⁶

Assim, para além de entender a dinâmica de funcionamento dos jornais, buscamos também compreender o protagonismo de quem

fornece a notícia, pois somente assim teremos subsídios para averiguar a real influência das agências internacionais sobre as redações dos jornais brasileiros. Talvez por isso, em muitas ocasiões a agência *Havas*, sugeria temas e dizia o que deveria ou não ser publicado por suas subsidiárias de informações.

Quando perscrutamos a estrutura de funcionamento do jornal *O Estado de S. Paulo*, o primeiro aspecto que chama atenção é que a diagramação e o leiaute de suas páginas eram de baixíssima qualidade, ademais, não contava com um sistema de distribuição eficiente para potenciais leitores. Suas edições eram precárias e não contavam com mais do que quinze páginas, sendo que vinte por cento, aproximadamente, do seu espaço interno era reservado aos anunciantes. Temos, pois, um jornal estruturalmente limitado e com um número de páginas insuficiente para informar o brasileiro dos eventos que ocorriam no mundo.

Na busca de protagonismo para além de suas fronteiras geográficas e *O Estado de S. Paulo* assume posição em defesa da pauta dos países aliados aos EUA. Um exemplo inquestionável dessa busca de protagonismo foi as críticas que Júlio de Mesquita fez ao crescente militarismo alemão. Esse posicionamento gerou um mal estar entre os representantes germânicos do capital, que, em resposta às críticas suspenderam os anúncios das empresas alemãs no jornal⁷. Nos dizeres de Gilles Lapouge, o apoio incondicional que Júlio de Mesquita prestava aos EUA e a seus aliados servia para demonstrar que ele era um “(...) francófilo ardente, formado na cultura europeia (...)”⁸ e que, portanto, defendia um lado e seu jornal também.

Buscamos, pois, compreender até que ponto o discurso favorável aos Estados Unidos e seus aliados ajudou na consolidação empresarial do jornal e abriu espaço para a expansão de seus interesses econômicos. A história nos ensina que a narrativa de um acontecimento pode ser analisada de diversas perspectivas, uma vez que qualquer acontecimento reproduz os jogos de interesses e de poder de uma determinada época.

A escolha da imprensa como fonte de pesquisa requer, pois, muitos cuidados e está relacionada à compreensão do seu papel na dinamização social. Depois dos “novos objetos, problemas e abordagens”, a partir de um olhar multidisciplinar das ciências humanas que a da Escola dos Annales legou para o campo historiográfico, o historiador colocou sob suspeição todas as abordagens unidirecionais das fontes. Assim, documentos até então desprezados como matéria prima de análise histórica como, por exemplo, a imprensa, ascendem à categoria de fonte. Graças a essas contribuições, a ilusão de que um “documento” pode ser isento das influências de dado contexto histórico foram definitivamente superadas.

Em outras palavras, a fonte nunca deve ser analisada de forma isolada, separada das paixões, ódios e contradições de seu tempo, ou seja, para um determinado acontecimento podemos encontrar diversas explicações que dialoguem com os interesses e necessidades da sua época histórica.

Após essas contribuições os historiadores abandonaram a idéia de que o jornal, por defender os interesses de seus controladores, carregaria para sempre a pecha de “fonte suspeita”. Afinal sabidamente nenhuma

fonte é “pura” e isenta. Todas, aliás, têm o DNA das contradições humanas do momento em que foram produzidas, ou seja, “no limite não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira”⁹.

Como indicam os estudos na área da história da cultura e, mais particularmente, as reflexões sobre a difusão das práticas da escrita e da leitura, a discussão sobre quem lia o quê em diferentes momentos históricos é das mais espinhosas. Nesse campo, as indagações e perspectivas de análise nos remetem a inúmeras temáticas que se referem tanto às condições sociais de possibilidade da leitura e da escrita, à produção e formação de leitores em diferentes espaços e momentos históricos, como ao universo de significação de diferentes leituras para diversos leitores.¹⁰

Assim, como o público leitor nunca foi moradia da uniformidade de idéias, a pauta dos jornais precisa necessariamente ser a mais diversificada possível, a fim de atender a todas as expectativas de seu público leitor, mas sem perder de vista o seu interesse principal que, no caso do *O Estado de S. Paulo*, era ser um referencial, vale dizer, “[...] leitura obrigatória dos pais de família bem estabelecidos”¹¹, que buscavam nas páginas dos jornais os modelos e exemplos de vida para a formação de seus filhos.

Entre outras preocupações de trabalho cabe ao historiador promover a crítica do documento como monumento acabado em si mesmo, uma vez que todo documento é fruto de escolhas fundamentadas nas contradições das forças sociais de sua época. Daí a necessidade de fazermos uma leitura a “contrapelo” de nossa fonte assim, quem sabe, conseguiremos trazer à tona detalhes não revelados sobre a repercussão e

os impactos que a Revolução Russa suscitou em nossos concidadãos no ano de 1917.

O jornal *O Estado de S. Paulo* – fundado em 1875, como *Província de S. Paulo* – defendeu desde seu nascimento princípios e projetos vinculados ao pensamento liberal. Essa escolha não foi feita aleatoriamente, foi estrategicamente pensada, contrariamente, a fim de legitimar o seu posicionamento político ao longo do tempo, de tal sorte que a cobertura dos acontecimentos era direcionada de modo a atender os seus interesses editoriais. Talvez, por isso, as críticas ao comunismo tornavam-se mais intensas na mesma proporção em que a “ameaça comunista” crescia, no Brasil e no mundo.

A partir do final da segunda década, o grupo d’O Estado de São Paulo consolida-se: além de publicar o diário matutino de maior vendagem no estado, assume uma edição da tarde, O Estadinho, e lança a Revista do Brasil. Sua seção de obras assume importância editorial, tornando-se responsável pela confecção de muitas das publicações dos mais variados gêneros que vêm a público no período.¹²

O jornal crescia em seus propósitos empresariais e tornava-se uma referência de jornalismo para a cidade de São Paulo e assumia-se como o principal porta voz dos interesses de uma burguesia em ascensão. Por exemplo, na greve geral de 1917 surge, juntamente com outros periódicos, como uma espécie de mediador nas tratativas de negociação entre capital e trabalho. Em uma reunião - com empresários, jornalistas, representantes do Estado e operários - em sua sede, selava-se o fim da greve e das “desordens” na cidade. Assumia, pois, um papel que mais tarde, sobretudo após a Revolução de 1930, seria ocupado pelo Estado. Esse novo protagonismo chocava-se com seus princípios programáticos,

sendo assim objeto de duras críticas dos liberais de dentro e de fora do jornal. O curioso é que, ainda que houvesse uma preocupação aparentemente genuína do *O Estado de S. Paulo* com as condições de vida dos operários, o fato é que o jornal não indicava em suas páginas nenhuma tolerância com as “desordens” ocorridas na cidade.

É importante destacar que esse liberalismo nem sempre foi praticado com a mesma desenvoltura pelo jornal. Essa falta de coerência com seus princípios liberais pode, aliás, ser comprovada com o apoio que declinou em diversas circunstâncias em favor das intervenções militares na vida política do país. Já o seu anticomunismo foi um princípio norteador de sua linha editorial desde o início do século XX. Foi assim, por exemplo, na década de 1930, quando *O Estado de S. Paulo* apoiou, por diversas vezes, medidas intervencionistas do governo provisório. A fim de justificar as contradições com o seu projeto editorial, ou seja, a inesperada defesa que passou a fazer das intervenções do Estado sobre a economia, alegava que a indústria brasileira não tinha força nem a tradição requerida para competir no mercado internacional. Assim, somente o Estado com sua visão estratégica poderia trazer visibilidade e confiabilidade para os produtos da indústria brasileira.

Também no plano político, o jornal conviveu muito bem com o forte controle que a política do Estado getulista passou a exercer na vida das pessoas sobretudo a partir de 1935. “Quando foi decretada a Lei de Segurança Nacional (1935), *O Estado de S. Paulo* considerou-a branda [...] no combate ao banditismo (comunismo) brasileiro, tudo deveria ser sacrificado”¹³. Apesar de toda subserviência ao governo, o fato é que, no início de 1940, O Estado de S. Paulo sofreu uma intervenção do Estado

Novo e Júlio de Mesquita Filho só conseguiu recuperar o controle de seu diário em dezembro de 1945.

Refletindo sobre as vicissitudes da imprensa brasileira Motta¹⁴ argumenta que foi justamente no período posterior a 1917 que as manifestações contra o comunismo começam a aparecer de maneira mais sistematicamente organizada nas páginas dos jornais. De acordo com suas análises, nesse momento e até os limites da década seguinte, a maior preocupação das redações estava voltada em denunciar a ameaça que os anarquistas representavam para o progresso do país.

[...] é interessante assinalar que na série de extensos artigos de vários representantes das elites paulistanas, publicada pelo jornal O Estado de São Paulo nos primeiros meses de 1901 – a qual tinha como objetivo fazer um balanço das conquistas e dos problemas legados pelo século XIX e das perspectivas para o século XX –, **o anarquismo aparece como uma das grandes ameaças ao progresso do país** e a educação massiva como um dos possíveis antídotos para seu desenvolvimento.¹⁵

Assim, depreende-se como pouco provável a idéia de que um “anticomunismo” tenha pautado, de forma decisiva, a cobertura da imprensa brasileira sobre a Revolução de 1917. O mais provável é que, aliada ao desconhecimento das transformações históricas e interessada em defender apenas os seus interesses comerciais, os principais jornais brasileiros passam a reproduzir para seus leitores a posição das agências internacionais na cobertura dos principais acontecimentos da nação. Nesse contexto as notícias que a imprensa brasileira divulgavam sobre a Revolução Russa podem ser consideradas as primeiras contrainformações direcionadas aos seus leitores, uma vez que todo o conteúdo sobre esse

tema foi produzido e divulgado pelas agências internacionais com dois objetivos bem definidos: por um lado, trabalhavam para ampliar e defender seus interesses comerciais na região e, por outro, criava e divulgava notícias para o desenvolvimento de uma ideologia anticomunista entre seus parceiros. O caso do Brasil é um exemplo irretocável dessa situação narrada.

Em 1935 essa situação ganha novos ingredientes. Setores da ANL (Aliança Nacional libertadora) juntam-se com o PCB e iniciam uma insurreição de militares nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro, com o intuito de tomar o poder e implantar o comunismo no Brasil. Porém, mal articulados, os levantes fracassam e a Intentona Comunista, nome pelo qual ficou conhecido o episódio, levou o governo a desencadear a repressão comunista. Essa repressão alcança seu ápice em setembro de 1937, quando o exército revelou ter descoberto um acervo documental contendo detalhes de uma conspiração comunista para tomar o poder. Constrói-se, assim, a farsa do “Plano Cohen”, uma maneira encontrada pelo governo para deter o avanço das idéias comunistas entre a população brasileira. A difusão da ideologia comunista entre a população ilustrada era uma realidade preocupante para o governo. Assim, era necessário um plano para impedir que a “simpatia” que os comunistas desfrutavam entre os intelectuais não chegasse aos setores médios da sociedade. Foi nesse contexto que a farsa do Plano Cohen foi forjada pelo governo a fim de capitanear apoio da imprensa e dos setores conservadores da sociedade, que doravante elegem os comunistas e seus seguidores como os principais inimigos da nação.

Então, não causa surpresa que as elites brasileiras, habituadas a importar tudo dos países centrais, de artigos de consumo a ideias, tenham sido caudatárias também em relação ao anticomunismo. Em grande parte, as visões sobre o que seria o comunismo e a ameaça que ele significava à ordem social foram decalcadas de modelos estrangeiros. As representações anticomunistas elaboradas e divulgadas no Brasil a partir de 1917 refletem uma influência externa marcante.¹⁶

O anticomunismo que vicejou nos trópicos nas primeiras décadas do século foi disseminado com o auxílio da imprensa brasileira, mas sob as orientações das tintas da imprensa internacional. Essas notícias, conforme observa Bandeira na maioria das vezes refletiam as esperanças da classe dominante em ver derrotado o projeto da revolução comunista. Em defesa dessa expectativa “difundiam boatos e mentiras” esperando, assim, atender “[...] os desejos dos senhores da guerra e das altas finanças de Londres, de Paris e Nova York.”¹⁷. Apesar de ser parceiro e divulgar aqui no Brasil as ideias dos “senhores europeus”, Júlio de Mesquita sabia da situação e incomodava-se com o fato de não ter o seu controle.

[...] ele se dá ao trabalho de explicar de quando em quando, como é que as informações chegam ao Brasil, muitas vezes com lacunas, e quais são as qualidades ou defeitos das diversas agências de notícias ou jornais (os ingleses, observa ele, são os mais exatos, mas também os mais frios; os franceses são corretos mas um pouco chauvinistas; e os alemães mentem desavergonhadamente, para transformar em vitória inesquecível uma simples escaramuça).¹⁸

Apesar dessa fala estar relacionada às informações sobre a guerra, pode também ser relacionada com a cobertura da revolução na Rússia,

mas nesse caso com outros componentes da conjunta que teremos oportunidade de analisar na sequência desse artigo.

Compreender, pois, as condições em que foi consolidado e profissionalizado o jornalismo brasileiro no início do século XX exige do pesquisador um mergulho em suas especificidades, a fim de localizar aí as suas dificuldades de circulação e distribuição, as suas escolhas de pauta e o seu posicionamento editorial. Nossa hipótese é a de que no mesmo ritmo em que a grande imprensa brasileira, e *O Estado de S. Paulo* em particular, tornavam-se mais profissionais e sofisticados aumentavam também as orientações anticomunistas em suas redações.

Do “nada de interessante a assinalar” aos “Dez dias que abalaram o mundo”

A cidade estava tranquila. Nenhum assalto, nenhum roubo, nem sequer uma briga entre bêbados. À noite, patrulhas armadas percorriam as ruas silenciosas. Nas praças, os soldados e os guardas vermelhos, ao redor das fogueiras, riam e cantavam. Durante o dia, grandes multidões aglomeravam-se nas calçadas para ouvir as intermináveis discussões entre estudantes, soldados, negociantes, operários¹⁹.

Em 1917 o mundo não era ainda uma aldeia global tão integrada como é atualmente. Acontecimentos da magnitude da Revolução Russa demoravam meses para chegar a determinadas localidades e, quando chegavam, era por meio de interlocutores privilegiados que havia vivido a experiência *in loco*. Esse foi, por exemplo, o testemunho do jornalista John Reed, autor da epígrafe acima, que, designado como correspondente de guerra (à época fazia a cobertura da Primeira Guerra Mundial), parte para

a Rússia e dos relatos ali colhidos deixa-nos como legado a obra *Os dez dias que abalaram o mundo*, uma das primeiras impressões sobre a Revolução Russa.

John Reed ganhou fama de jornalista em 1914, quando foi designado para acompanhar as tropas do rebelde Pancho Villa e descrever para o mundo o que precisamente se passava no México. Seus relatos ajudaram a espalhar as notícias da Revolução Mexicana pelo mundo. Em seguida foi convocado para cobrir a Primeira Guerra Mundial, na Europa. Nesse continente tomou contato com as notícias cada vez mais efervescentes que vinham da Rússia. Resolve deslocar-se para lá, a fim de verificar pessoalmente a veracidade das notícias.

Tão logo chegou à Rússia conheceu Lênin e conviveu de perto com a convulsão social que havia se espalhado por toda sociedade. Em 1919, Lênin chegou inclusive a escrever um prefácio para o livro de Reed para uma edição estadunidense publicada somente em 1926. No prefácio, afirma que a obra “[...] traça um quadro exato e extraordinariamente vivo dos acontecimentos que tão grande importância tiveram para a compreensão da Revolução Proletária e da Ditadura do Proletariado.”²⁰

Os relatos memorialísticos feitos por Reed servem-nos de inspiração para, cem anos depois, revisitar os impactos que aqueles acontecimentos produziram no Brasil à época e como as notícias aqui chegavam.

Quando chegam as primeiras informações do processo em curso na Rússia, em novembro de 1917, o Estado brasileiro já tinha seus próprios fantasmas. Nesse momento, o principal inimigo interno eram os

anarquistas, que com suas greves e agitações colocavam sob risco a paz social dos brasileiros. A situação começa a mudar com a chegada das informações internacionais dando conta do triunfo da Revolução Russa e da nova situação de vida dos trabalhadores naquela sociedade. Essas notícias repercutem positivamente entre os simpatizantes do comunismo no Brasil, que fortalecidos por essa nova conjuntura começam a disputar os espaços antes dominados majoritariamente pelos anarquistas.

A agitação operária e principalmente as duas greves, a de S. Paulo, em 1917, e a do Rio, em 1918, excitaram as autoridades, que intensificaram a violência da repressão. Em fevereiro de 1918, circulou o primeiro folheto defendendo a revolução russa: *A Revolução Russa e a Imprensa* [...] mostrando como o noticiário do movimento de outubro vinha sendo falseado pelos jornais [...]. Explicava as confusões repetidas e propositadas criadas pela grande imprensa, servindo de eco à imprensa norte-americana e europeia, em torno do que ocorrera.²¹

A informação desse folheto a denunciar a manipulação que a grande imprensa fazia com as notícias que chegavam da Rússia foi escrito por Astrojildo Pereira, nesse momento ainda ligado ao movimento anarquista. Pouco tempo depois romperia com as teses defendidas por essa corrente política a fim de se tornar um dos membros fundadores, em 1922, do PCB (Partido Comunista do Brasil). Posteriormente, com a criação do jornal *A Classe Operária*, pelo PCB, Astrojildo torna-se um de seus principais redatores.

A maior parte dos textos analisados neste artigo é proveniente de duas seções do jornal *O Estado de S. Paulo*: a) na primeira página, temos um espaço reservado à cobertura da guerra subdividido em duas seções: uma com o tamanho da fonte maior, a indicar a importância da notícia,

“A Conflagração”; a outra seção detalhava mais o envolvimento dos países na guerra e destacava a importância estratégica de cada um dos participantes no conflito. França, Inglaterra e EUA tinham destaque maior, seguidos de perto pela Rússia, por conta de seu processo revolucionário. A fonte dessas notícias eram as agências internacionais; cabe ressaltar, porém, que as informações que chegavam da Rússia eram distribuídas exclusivamente pela Agência *Havas*. b) Além desse material, analisamos também todas as referências à Rússia encontradas na seção “Boletim Semanal da Guerra”. Esses boletins, publicados às segundas-feiras, foram produzidos por Júlio de Mesquita, sempre “De acordo com os nossos telegramas” (subtítulo do boletim). Publicados entre os anos de 1914 e 1918, esse material tem para nossas análises uma importância singular, uma vez que explícita o posicionamento de Júlio de Mesquita e do próprio jornal sobre esses assuntos.

Uma quantidade substancial do material que trata da temática “Rússia”, deixa entrever que as informações eram reduzidas e parciais para explicar o processo em marcha naquele território, o que não deixa de ser contraditório, uma vez que o mesmo material tenta convencer os seus leitores das consequências negativas de uma possível saída da Rússia da guerra. A esse respeito Bandeira observa que as classes dominantes do Brasil, influenciadas pelas agências internacionais, “[...] acreditavam, de modo geral, tratar-se de um fenômeno transitório, produzido pela guerra, um ardil que a Alemanha engendrara para aliviar suas frentes de batalha, separando a Rússia dos aliados”.²²

A imprensa brasileira repercutia para o seu público leitor as preocupações da imprensa internacional e de suas principais agências de

notícias, tanto no que diz respeito à saída da Rússia da guerra, quanto à falta de percepção do momento histórico em que se vivia. Sobre as respostas que os contemporâneos deram para aqueles acontecimentos, Marc Ferro faz a seguinte ponderação:

Na França, a queda de Kerensky não mobilizou nem as manchetes dos jornais nem a opinião pública; e ninguém percebeu a importância da insurreição de Outubro. Foi julgada apenas como mais uma crise russa. Ninguém percebeu tampouco a especificidade do regime que se instaurou (...). Em suma, ao lado de Fevereiro, ao lado do *putsch* de Kornilov, a Revolução de Outubro passou despercebida.²³

Na edição de *O Estado de S. Paulo*, do dia 6/11/1917, os maiores destaques internacionais foram para França, Inglaterra e Itália. A respeito de Petrogrado o texto é lacônico “Nada há de interessante a assinalar”, nada que indicasse uma situação de levante eminente. No dia seguinte, um texto de pequeno destaque, na primeira página, informava que a Rússia faria todo o esforço possível, como um dever assumido, para prosseguir na guerra.

Mas, surpreendentemente, dois dias depois, em 08/11/1917, notícias dão conta de uma “agitação” que tomava de assalto a região: “O conflito entre o Conselho dos Operários e os Soldados e o governo agravou-se. Os maximalistas apoderaram-se do Telegrapho Central, do Banco do Estado, da Agencia Vestale e do palácio Maria. Não se assinalou, até aqui, nenhuma desordem.”²⁴

Esse texto teve, contudo, pouco destaque e da maneira como a notícia foi apresentada denota uma falta de familiaridade e percepção do jornal com a importância e a dimensão dos acontecimentos. É importante

destacar, todavia, que o termo “maximalista” utilizado pelo jornal, era equivocado, sobretudo, por pertencer a uma facção dissidente do Partido Socialista Revolucionário, ligada originalmente ao movimento camponês russo, que, após a fracassada revolução russa de 1905, radicalizou suas posições e em pouco tempo tornou-se um diminuto grupo de camponeses anarquistas. A confusão em torno da facção política não era exclusiva dos brasileiros e não ficou restrita à época dos acontecimentos. A esse respeito Marc Ferro, comenta: “*Maximalistas*: Antiga ala ultraesquerda do SR (socialistas-revolucionários), próxima dos anarquistas, e que, no Ocidente, foi confundida com os bolcheviques”.²⁵

A partir do dia 9/11/1917 o espaço reservado a noticiar os acontecimentos relacionados à Rússia são ampliados, a fim de atender os novos interesses que o tema suscita. À medida que as notícias iam desenhando uma nova configuração do conflito, principalmente de Petrogrado, a inquietação do jornal com os destinos da Rússia crescia e o processo em curso ganhava destaque em suas páginas. A essa altura, o jornal manifestava sempre a seguinte preocupação para os seus leitores: o agravamento da situação na Rússia poderia empurrá-la para fora da guerra, o que seria desastroso para os países da Entente. Assim, sem a exata dimensão do que estava acontecendo, nesse mesmo dia, o jornal informava que “[...] o sr. Trotsky, entre aplausos, leu uma mensagem do agitador Lênin [...]”.²⁶

Nos dias subseqüentes o destaque ao processo ganhou mais espaço, mas o jornal continuava a insistir que a situação na Rússia permanecia obscura. Apesar disso, continuam a manifestar apoio aos representantes do governo provisório na vã esperança de que Kerensky

pudesse fazer frente aos agitadores políticos. A esse respeito Bandeira comenta: “O apoio e simpatia das classes dominantes, no Brasil, pelo governo de Kerenski expressavam a identificação dos interesses burgueses, contra a monarquia feudal, de um lado, e, de outro, contra o radicalismo proletário.”²⁷. O apoio incondicional que o jornal oferecia à contrarrevolução de Keresnky era, pois, referendado por um posicionamento de classe que trabalhava em diversas frentes a difundir os seus pontos negativos, a fim de que o projeto da revolução proletária não se estabelecesse em solo brasileiro.

Então, em consonância com os sentimentos da burguesia internacional, no dia 10 de novembro o jornal informa que Kerensky havia partido para combater os bolcheviques e que alguns regimentos dos cossacos declaram apoio ao seu governo. Nesse mesmo dia, outro texto apresentava versão um pouco diferente para os acontecimentos, ou seja, de Nova Iorque - via Agência Americana – chegava a informação: “Ao que se supõe a fuga do sr. Kerensky obedece ao propósito de se organizar uma contra-revolução em Moscou.”²⁸

Alimentado por notícias provenientes das agências internacionais *O Estado de S. Paulo* partilhava com seus leitores, uma incontida expectativa de resolução do conflito e, com esse afã, num mesmo dia acabava por confundir os seus leitores com informações contraditórias, ora a divulgar que a contrarrevolução de Kerensky poderia ser a solução para eliminar os radicais bolcheviques, ora a dizer que este líder optara por uma retirada estratégica do centro do conflito, de tal sorte que a situação na Rússia seguia indefinida.

Outro ponto que começava a ganhar destaque nas páginas do jornal foi a violência dos agitadores liderados por Lênin: “Depois de combates desesperados nas ruas, os ‘bolsheviki’, com perdas consideráveis, exterminaram, ou capturaram um grupo de alunos das escolas militares”²⁹. Nessa mesma edição o jornal indica que “Os empregados da agencia official telegraphica declararam-se em greve, recusando-se a transmitir os despachos de propaganda da ‘Bolsheviki’.”³⁰ Em análise mais detalhada o jornal sinaliza que havia relação desses fatos com um suposto rompimento dos trabalhadores com os revolucionários. Mas essa era apenas mais uma informação distorcida que se juntava ao caótico quadro de informações produzidas pelas agências internacionais, a fim de desacreditar o processo revolucionário na Rússia.

Na edição do dia 15/11/1917, o jornal voltava a destacar os avanços da contrarrevolução com a tomada de Petrogrado por Kerensky e comemorava o início do restabelecimento da ordem: “[...] a cidade foi virtualmente tomada por aquelle chefe político, sendo logo estabelecido o ‘controle’ dos telegraphos de Moscou, que é a sede do governo provisório”³¹. Uma vez que reproduzia, sem nenhum filtro, as informações que vinham das agências internacionais, o jornal brasileiro repete os mesmos equívocos das agências ao confundir a revolução e seus propósitos com o movimento maximalista. E na mesma edição do dia 15/11 informa a seus leitores que o “movimento maximalista” estava próximo do fim com a prisão do “agitador Lenine”.

Enquanto Keresnky era caracterizado como “chefe político” responsável por reestabelecer a ordem na Rússia, Lênin era caracterizado como o seu principal agitador político sendo, por isso mesmo,

responsável pela desordem social que tomava conta da Rússia. Insistimos, uma vez mais, que essas notícias não eram produzidas pela redação do jornal *O Estado de S. Paulo*; eram, contrariamente, reproduzidas integralmente das agências internacionais, indicando, assim, a sua dependência editorial.

A partir do dia 19/11/1917, o jornal passou a indicar que a vitória dos “maximalistas” estava em vias de se consolidar. Informava aos seus leitores, que o Estado Maior de Keresnky havia sido capturado e que os dois lados estavam selando um acordo, favorável aos revolucionários³². No dia seguinte, outra matéria destaca a ocorrência de “mortes aos milhares”³³ nos campos de batalhas e a existência de cisão que poderia enfraquecer o movimento. Aponta ainda para um possível acordo de paz da Rússia com a Alemanha, porém, sem orientação das agências internacionais, não indica os termos e vantagens que esse acordo poderia trazer para ambos os lados. Destaca ainda que a violência e a anarquia³⁴ tornavam-se norma na Rússia e que o governo não tinha mais o controle da situação. O que essas chamadas têm em comum? Todas confirmam que a Rússia caminhava para o caos social, situação que iria se aprofundar após o triunfo revolucionário, como bem observa Motta:

Desordem, anarquia, destruição e caos eram o retrato da situação no ex-Império dos Czares, segundo as imagens transmitidas pelos jornais aos leitores brasileiros. No decorrer dos anos e das décadas seguintes, a ênfase em pintar com tintas fortes um quadro tenebroso do que seria a realidade soviética foi uma constante, trabalho empreendido primeiramente pelos periódicos, mas logo em seguida secundado por uma florescente literatura anticomunista.³⁵

Na última semana de novembro o quadro do processo revolucionário está mais definido e aponta para a eminente derrota do governo de Kerensky. Desse momento em diante o jornal volta seus esforços para compreender as consequências que a saída da Rússia da guerra poderia suscitar, “[...] discursando perante aos oficiais da executiva do Conselho dos Operários e Soldados, o agitador Lenine declarou que o governo maximista, antes de assignar o projectado armistício, consultara as aliados.”³⁶

Lenine, além, de “agitador” passa a ser visto como um traidor, não apenas de seu país, mas também da Entente:

[...] o grupo de Lénin tinha como objetivo prioritário retirar seu país da Guerra a qualquer preço, rompendo os compromissos anteriormente assumidos pelo Czar na aliança com os países ocidentais. A retirada dos exércitos russos do conflito significou um golpe sério no dispositivo militar da ‘Entente’, e isso foi denunciado como uma traição vil. Como o Brasil a estas alturas também participava da guerra contra os alemães, ainda que a título simbólico, a imprensa nacional encampou a indignação contra o ato de Lénin, que passou a ser acusado de espião alemão.³⁷

Sobre os acontecimentos na Rússia essa passa a ser a principal pauta do jornal, ou seja, provar que Lénin era um traidor. Assim, em 28/11/1917 o jornal trazia mais uma informação de que Lénin era um agente duplo que recebia ajuda de conselheiros alemães em seu território: “[...] segundo informações recebidas de Petrogrado, chegaram à capital da Rússia numerosos oficiais do estado maior da Allemanha, que vão servir como conselheiros, junto ao sr. Lenine”.³⁸

O mês de novembro chegava ao fim com a certeza de que a paz entre alemães e russos era uma questão de tempo, “[...] o comandante Krylenko, do exército russo, anuncia ao governo que o comandante chefe alemão concordou que se estabeleça um armistício em todas as frentes. À vista disso ordenou a imediata cessação das hostilidades na frente russa.”³⁹

Até este momento destacamos os textos da primeira página – “Conflagração” – em que a posição crítica do jornal, sobretudo às ações do “agitador” Lênin sobressaem. Agora iniciaremos as análises dos textos internos, especialmente os “Boletins de Guerra”, que trazem a visão pessoal de Júlio Mesquita sobre os acontecimentos.

O primeiro “Boletim” de novembro, após o início do processo, circulou no dia 12/11/1917 e foi quase que inteiramente destinado à avaliação da situação na Rússia. Ao longo do texto, Júlio de Mesquita critica a prisão de ministros russos fiéis à Entente e destaca que deve existir uma grande satisfação dos alemães com essa situação na Rússia e atuação de Lênin. A forma como o jornal se refere a Lênin indica, aliás, a parcialidade do jornal: “Governa Lenine, aquele celebre **energúmeno** de extremadas ideias socialistas [...]. Lenine foi, não há duvida, até aqui um instrumento da Alemanha. Não se sabe, entretanto, se elle é simplesmente um **infame**, ou se nos achamos em presença de um **allucinado**, de mentalidade e de moral diversas das nossas (...)”.⁴⁰ O boletim da semana seguinte reflete a confusão que reina em torno das informações sobre a Rússia: ora indicam uma contraofensiva de Kerensky, ora anunciam vitória dos “maximalistas”. Ainda assim, nesse boletim a

situação da Rússia mereceu pouco destaque, exceto pelas críticas à possibilidade de esse país sair da guerra.

Conforme já assinalamos *O Estado de S. Paulo* não era o produtor das informações sobre a Rússia, era simplesmente um reproduzidor das informações que chegavam via das agências internacionais. Nessa “guerra de informações” Marc Ferro observa que Lênin sempre aparecia como agente desagregador do Ocidente e colaborador da Alemanha. Em suas palavras: “Desde 1917 [...] não haviam cessado de mentir sobre a Rússia [...] afirmavam que Lênin e os bolcheviques eram agentes alemães”.⁴¹

O último boletim do mês de novembro já indicava o desânimo com o descontrole político e com a “anarquia” generalizada que tomava de assalto a Rússia e alertava que o país estava a um passo de romper a aliança com a Entente, “A situação na Rússia não melhorou, ao contrário, torna-se dia a dia, mais anarchisada [...] A situação na Rússia é desanimadora. O sr. Trotzky assume o Ministério do Exterior. Os extremistas ordenam ao commandante a abrir negociações para um armistício com o inimigo.”⁴²

Além desses dois conjuntos de textos encontramos também uma matéria especial sobre os partidos na Rússia. Essa matéria foi publicada em duas partes, sendo que a primeira saiu entre os dias 21 e 24 de novembro e trazia detalhes pouco conhecidos para o leitor brasileiro de notícias publicadas sobre a Rússia na revista francesa *Mercure de France*. Merece destaque o fato de que o material não trazia nenhuma informação que ajudasse o leitor a entender como o texto francês foi elaborado. Em outras palavras, se a versão para o português correspondia ao original do

francês ou se era uma tradução da tradução. Nossa hipótese é a de que o jornal promoveu cortes e ajustes de acordo com seus interesses a fim de agradar o seu público leitor, uma vez que a matéria oferece grande destaque aos partidos diretamente relacionados ao processo em curso e declara sua predileção pelo Partido dos Cadetes que seria, segundo a visão do periódico, “[...] o mais poderoso dos partidos parlamentares da Rússia. É o mais bem organizado e o que tem raízes mais profundas no povo russo [...] conta entre seus representantes professores, advogados, e em geral, homens de profissões liberais.”⁴³

Dois dias depois, o jornal veio a público com a segunda parte dessa matéria especial, na qual destacava que o “Partido social-democrata ou marxista era “[...] dividido em duas grandes frações: os maximalistas (bolsheviki) e os minimalistas (mensheviki)”⁴⁴, prossegue a explicar a história do partido aos seus leitores desde sua fundação em 1905 e, assim, demonstrar a sua importância política no desfecho daqueles acontecimentos. Busca, por outro lado, convencer os seus leitores de que Lênin era um traidor da grande pátria russa e um agente alemão interessado em destruir as tradições liberais do Ocidente. De acordo com a matéria, “Lenine e seus partidários desenvolviam a teoria monstruosa, segundo a qual a Rússia devia ser batida, a fim de que a Alemanha saísse vencedora desta guerra”⁴⁵.

Essas preocupações mostraram-se mais reais no final de novembro com o início das negociações de armistício entre Alemanha e Rússia e, posteriormente, com o Tratado Brest-Litovsk, assinado por Lênin em março de 1918, estabelecendo a paz entre os dois países.

Nessa mesma matéria é possível inferir a crítica ao projeto dos “bolsheviki”: “Durante a revolução de 1905, Lenine defendia antes de tudo o caracter ‘permanente’ da revolução, entendendo que o proletariado não se devia satisfazer com nenhuma concessão das classes dominantes [...] seu projeto mais próximo – chegar a ditadura revolucionária do proletariado e dos camponeses.”⁴⁶ Ao longo da matéria e, sobretudo nos “Boletins de Guerra”, que costumeiramente apresentavam Lênin como um “agitador”, um “traidor”, percebe-se a crítica ao modelo de revolução e ao próprio líder revolucionário, distante dos interesses do Ocidente e, principalmente, do modelo idealizado pelo jornal.

Os jornais criticaram acidamente aquela que foi a segunda revolução russa, considerando suas conseqüências ruins não só para aquele país como para a causa aliada na Grande Guerra. A imprensa brasileira acompanhava a opinião de seus congêneres da Europa ocidental e dos EUA. A primeira revolução, a de fevereiro, que derrubou o Czarismo e deu início à tentativa de transformar a Rússia num Estado liberal moderno, foi tida como positiva e merecedora de aplausos. O episódio de outubro, ao contrário, despertou antipatias profundas e foi execrado devido às intenções radicais dos protagonistas bolcheviques.⁴⁷

Nessa mesma linha Marc Ferro⁴⁸, indica que na França algumas análises registravam também um paralelo entre a Revolução de Fevereiro com a grande Revolução Francesa de 1789. Ainda de acordo com suas análises, outras semelhanças poderiam ser inferidas como, por exemplo, a da Revolução de Outubro com o radicalismo da “ditadura jacobina” que aproximava a biografia política dos líderes Lênin e Robespierre. Ora, se a maior parte das notícias vindas da Rússia chegava à redação de *O Estado de S. Paulo*, via a agência de notícia *Havas*, era esperável que esse diário

reproduzisse em suas páginas a visão francesa dos acontecimentos na Rússia.

No afã de repercutir as análises e leituras que o velho continente fazia dos acontecimentos na Rússia, intelectuais e políticos brasileiros começam também a produzir suas contribuições. Em 26/11/1917 O Estado de S. Paulo trouxe a público um artigo do escritor e diplomata Manuel de Oliveira Lima, publicado originalmente no jornal *Diário de Pernambuco*, que continha muitas aproximações com as análises francesas, como podemos observar:

O movimento russo de 1905 equivale à queda da Bastilha do antigo império. Hoje discute-se como a França no tempo de Rousseau, se o homem nasce bom ou mal. O 10 de Agosto russo foi, como na França, a deposição de Maria Antonietta, a czarina tem sido acusada de dominar o marido. É possível que o futuro traga o desmentido, e que o mártir de hoje inspire compaixão, como Maria Antonietta. Os Conselhos de Operários fazem o papel de clube jacobino. Os cosacos são como os suíços do rei. A diferença mais predominante foi a abolição da pena de morte na revolução russa, e a larga dose de idealismo do povo. Kerensky tem sido comparado a Danton. Korniloff poderia sentar-se no throno, se tivesse o gênio de Bonaparte. Kerensky e Lenine disputam a partida – dir-se-ia que são Danton e Robespierre.⁴⁹

Assim, ainda que as informações provenientes das agências internacionais se sobreponham à produção local das notícias, sobretudo, com relação ao processo em curso na Rússia, as análises das notícias publicadas por esse diário não deixam dúvidas de que o jornal tinha uma posição claramente formada contra esse processo e essa posição orientou a cobertura tendenciosa que fez da Revolução de 1917.

Considerações Finais

Sem pretender reduzir as responsabilidades do jornal sobre a cobertura dos acontecimentos de 1917, é importante reforçar que esse periódico tinha recursos limitados para buscar e produzir informações originais sobre o assunto. As agências internacionais detinham o controle da informação, da divulgação e da forma como as notícias eram distribuídas. O contraditório estava, pois, permanentemente comprometido e o “anticomunismo” crescia com as informações unilaterais das agências internacionais.

As informações fornecidas pelas agências telegráficas estrangeiras eram tão notoriamente falsas que Gilberto Amado, pela *Gazeta de Notícias* estranhava que ‘a United Press e a Havas continuem a nos julgar indignos da verdade, pobres bugres que convém manter no alheamento completo do que se passa no mundo’. Diante da massa de informações ostensivamente falsas, ponderava que a revolução de outubro ‘não é tão ruim assim, e que não somente dinamiteiros e bandidos a ela se afeiçoam e por ela querem batalhar’.⁵⁰

Sodré argumenta que a manipulação da informação pelas agências tinha por finalidade criminalizar o processo e seus integrantes. Assim, a redação ou tradução do texto, pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, apenas avançava nesse sentido, quando destacava, com frequência, o “agitador Lenine” e a situação de caos provocada por esse indivíduo e seus seguidores.

Como a maioria das notícias vindas da Rússia era proveniente da *Havas*, o jornal *O Estado de S. Paulo* em muitas ocasiões manifestava o seu descontentamento com as imposições da agência. No Boletim de Guerra de 3/12/1917, Júlio de Mesquita escreve:

Na semana que findou ontem, o serviço da *Havas*, que está cada vez mais longe de valer metade do que custa, constou em grande parte de uma minuciosa, fatigante e interminável reportagem das solenidades com que na França se celebrou a “Semana da América Latina” [...]. Outra grande parte dos telegramas, que tanto espaço nos roubaram e tanto dinheiro vão levar, relata, com verdadeiro luxo de informação, os complicadíssimos incidentes de um célebre processo-crime que se debate, em vésperas de julgamento, no júri de Minneola, e que talvez seja acompanhado com alguma atenção no Chile.⁵¹

Fica nítida a dificuldade em se obter as informações corretas sobre o que ocorre na Europa, visto que as agências possuíam seus próprios interesses. Por outro lado, confiar nos jornais estrangeiros, que chegavam com grande atraso, não solucionava o problema. Entendemos, assim, que as críticas à Revolução Russa, encontradas nesse periódico, estiveram, ao menos nesse primeiro momento, mais ligadas à saída da Rússia da guerra do que, propriamente, ao anticomunismo que iria marcar de forma muito perceptível a história posterior do jornal *O Estado de S. Paulo*. Mas, ainda assim, é importante destacar que nesse momento as posições de Lênin já eram conhecidas e temidas pelo jornal.

Essa situação fica evidenciada quando o jornal deixa registrada a sua predileção pelo triunfo do Partido dos Cadetes e as críticas que faz aos “bolshevikis”, não somente rejeitando a posição de Lênin sobre a necessidade de saída da Rússia da guerra, mas também criticando as suas

propostas de oferecer total autonomia para que os proletários tomassem as principais decisões dos rumos políticos do país. Em outras palavras o “[...] proletariado não devia se satisfazer com nenhuma concessão das classes dominantes [...]. Seu objetivo ideal era ser o eterno soldado da Revolução (e) chegar à ditadura revolucionária do proletariado [...]”⁵²

Em outras palavras, a postura liberal e a intransigente defesa que faz da ordem social demonstram que o jornal *O Estado de S. Paulo* já estava em campo oposto ao de Lênin e da Revolução de Outubro de 1917, antes mesmo da vitória desta. A vitória dos bolcheviques só fez aumentar as críticas e a rejeição desse periódico aos ideais comunistas propugnados pelos revolucionários russos.

Notas

* Luiz Antonio Dias é Doutor em História Social pela UNESP-Assis e professor do Departamento de História da PUC-SP e do Mestrado em Ciências Humanas da UNISA. ORCID: 0000-0001-8834-442X. Rafael Lopes de Sousa é Doutor em História Social pela Unicamp e professor do Mestrado em Ciências Humanas da UNISA. ORCID: 0000-0001-8018-8530.

¹ A Revolução Russa de Outubro de 1917, ocorreu no dia 25/10/1917 pelo calendário Juliano, pelo calendário Gregoriano o processo se deu em 07/11/1917, por isso, analisamos a partir do dia 06/11/1917 para observar como o jornal *O Estado de S. Paulo*, apresentava a “normalidade” na Rússia.

² SODRÉ, Nelson W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 199. p. 215.

³ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O ano vermelho**. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p.103. Sobre a grafia do nome de Keresnki, optamos por manter a forma citada pelo autor.

⁴ MOLINA, Matías M. **História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)**. São Paulo: Cia das Letras, 2015. Sobre as agências internacionais no final do século XIX e início do século XX, consultar em especial o capítulo IV, item 3: Agências de Notícias.

⁵ Idem, p. 410.

⁶ MESQUITA, Júlio **A Guerra (1914-1918)**: por Júlio de Mesquita. Volume 4. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002, p. 756.

⁷ “1914 - COBERTURA DA PRIMEIRA GUERRA: Durante a Primeira Grande Guerra, Júlio Mesquita escreveu boletins ou artigos semanais em que analisava o conflito. Nesses artigos - que em 2002 seu bisneto Ruy Mesquita Filho reuniu no livro **A Guerra**, em quatro volumes - o jornalista tomou posição inequívoca em favor dos aliados, mostrando-se a favor da democracia e contra o militarismo alemão. Em represália, indústrias alemãs cortaram os anúncios que faziam no jornal. Com o boicote, o jornal passa a enfrentar dificuldades financeiras. Apesar das pressões, o

Estado mantém sua posição contrária ao militarismo”. http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1910.shtml . acesso em 18/05/2017.

⁸ MESQUITA, Júlio **A Guerra (1914-1918)**:por Júlio de Mesquita. Volume1. São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2002. No prefácio escrito por Gilles Lapouge, filho de um combatente da Grande Guerra, ele indica a importância da cobertura feita por Júlio de Mesquita e seu envolvimento com o conflito. P. 15

⁹ LE GOFF, J. “Documento/Monumento in **Enciclopédia Einaldi**. Volume 1 Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984, p. 103.

¹⁰ CRUZ, Heloísa de F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013. 2.382Kb ; PDF, p. 85

¹¹ Idem, p. 89.

¹² Idem, p. 113.

¹³ CAPELATO, Maria Helena **Os Arautos do Liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 121

¹⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá - **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

¹⁵ CRUZ, op. cit. , p. 102, grifos nossos.

¹⁶ MOTTA, Op. Cit., p. 1.

¹⁷ BANDEIRA, Op. Cit., p. 153.

¹⁸ MESQUITA, Op. Cit. , p. 17

¹⁹ REED, John **Os Dez Dias Que Abalaram o Mundo**. História de uma Revolução. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.p.98.

²⁰ Idem, p. 7.

²¹ SODRÉ, op. Cit., p. 319

²² BANDEIRA, Op. Cit., pp. 314-5.

²³ FERRO, Marc. **O Ocidente diante da Revolução Soviética**. A História e seus mitos. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 34-5.

²⁴ NA Rússia. **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 08/11/1917.

²⁵ FERRO, Op. Cit., p. 124.

²⁶ NA Rússia. **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 09/11/1917. Grifos nossos

²⁷ BANDEIRA, Op. Cit., p. 315.

²⁸ NA Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 10/11/1917.

²⁹ NA Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 14/11/1917.

³⁰ Idem.

³¹ NA Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 15/11/1917.

³² NA Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 19/11/1917.

³³ NA Rússia. **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 20/11/1917.

³⁴ A CONFLAGRAÇÃO, **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 23/11/1917. “A situação na Rússia: o país preso na anarquia”

³⁵ MOTTA, Op. Cit., p. 5.

³⁶ NA Rússia **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 27/11/1917.

³⁷ MOTTA, op. Cit., p. 5

³⁸ NA Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 28/11/1917.

³⁹ NA Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 1, 30/11/1917.

⁴⁰ BOLETIM Semanal da Guerra, **O Estado de S. Paulo**, p. 3, 12/11/1917, grifos nossos.

⁴¹ FERRO, Op. Cit., p. 54.

⁴² BOLETIM Semanal da Guerra, **O Estado de S. Paulo**, p. 3, 26/11/1917.

⁴³ OS PARTIDOS políticos na Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 4, 21/11/1917.

⁴⁴ OS PARTIDOS políticos na Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 5, 23/11/1917.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ MOTTA, op. Cit., pp. 4-5

⁴⁸ Cf. FERRO, Op. Cit., p. 56.

⁴⁹ A REVOLUÇÃO da Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 2, 26/11/1917.

⁵⁰ SODRÉ, op. cit., p. 320.

⁵¹ MESQUITA, Júlio Op. Cit., p. 756.

⁵² OS PARTIDOS políticos na Rússia, **O Estado de S. Paulo**, p. 5, 23/11/1917.